VER E ADMIRAR: A VIAGEM DE FORMAÇÃO DE JOSÉ FÉLIX HENRIQUES NOGUEIRA A INGLATERRA EM 1853[1]

Maria Zulmira Castanheira
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

José Félix Henriques Nogueira (1823-1858), jornalista e escritor, precursor do socialismo e do republicanismo, teórico do iberismo, que o historiador Joel Serrão definiu como uma das "personalidades-chaves" dos meados do século XIX português, deixou uma importante obra doutrinária de alcance político e social que se estrutura em torno de quatro eixos fundamentais: "a *república*, o *municipalismo*, o *federalismo* e a *associação*" (Serrão 398). Colaborou activamente em alguns importantes títulos da imprensa periódica, nomeadamente os jornais *Eco dos Operários* e *A Revolução de Setembro*; em 1852 fundou o *Almanaque Democrático* (que se publicou até 1855), em 1854 ajudou à fundação do jornal político *O Progresso* e em 1856 criou o *Almanaque do Cultivador*, em que publicou importantes artigos acerca de questões económicas. A sua morte precoce, aos trinta e cinco anos, foi profundamente chorada pelos seus amigos, colaboradores e correligionários,[2] os quais mandaram

[1] Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Este ensaio é a versão alterada de uma comunicação apresentada na conferência internacional *Routes and Roots. Identity and Intercultural Exchange in Travel and Tourism/ Rotas e Raízes. Identidade e Intercâmbio Intercultural de Viagens e Turismo*, organizada pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal, que teve lugar nos dias 28 e 29 de Junho de 2012.

[2] Vários jornais lamentaram a sua morte e fizeram o seu elogio. Veja-se, por exemplo, a notícia do *Correio da Europa*, de 31 de Janeiro de 1858: "sonhava a regeneração

colocar no seu túmulo no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, um busto em sua memória, da autoria do escultor Manuel Maria Bordalo Pinheiro, com uma dedicatória onde se lê: "A José Félix Henriques Nogueira, que tanto amou a pátria e em mais de oito anos de estudos políticos não visou nas suas viagens e multiplicados escritos senão fazê-la prosperar."

A referência, na inscrição tumular, às "viagens" realizadas por Henriques Nogueira, antes mesmo de se mencionarem os seus "multiplicados escritos," merece destaque, porquanto aponta para a dimensão instrutiva, por um lado, e de serviço público, por outro, que o autor atribuiu ao acto de viajar, em detrimento da componente recreativa. Também a *Ilustração Luso-Brasileira*, por ocasião do seu falecimento, sublinhou o facto de a viagem ao estrangeiro ter representado para Henriques Nogueira uma "lição" que ele procurou aprender movido por interesse patriótico:

> As suas *Recordações de Viagem*, de que ahi ficam tombados alguns capitulos nas colunas do *Archivo Pittoresco*, mostram sobejamente o espirito de social observação que o guiou pela Inglaterra, França, Belgica, Allemanha, e Hespanha. Peregrinou menos para gozar o que podia, do que para estudar o que convinha aos seus principios, e ao regimen portuguez. (Torres 31)

Foi em 1853 que Henriques Nogueira realizou uma viagem de estudo pela Espanha, França, Bélgica, Alemanha e Inglaterra com a intenção de colher ensinamentos que lhe pudessem ser proveitosos aos planos de reforma que sonhava para Portugal. Em 1857 começou a publicar no periódico *Arquivo Pitoresco* as suas "Recordações de Viagem," que a morte repentina do autor veio interromper. Os dez capítulos que chegaram a vir a lume, ilustrados com onze estampas[3] e redigidos num estilo que a crítica do tempo considerou "encantador, cheio de vida"[4] — a su-

---

social deste paiz pela descentralisação, pela reforma administrativa, pela educação do clero, do povo e especialmente da mulher." (1) Anos mais tarde, o jornal *O António Maria*, de 3 de Fevereiro de 1881, lembrou-o nos seguintes termos: "espirito cultivadissimo em vastas leituras e em longas viagens em Hespanha, em França, na Belgica, na Allemanha e em Inglaterra, elle foi em Portugal o mais puro representante das idéas revolucionarias espalhadas na Europa de 1848." (36)

[3] As onze gravuras representam: "As *Needles*, rochedos à entrada de Southampton", uma rua de Londres, Waterloo Bridge, o gaiato londrino varredor de ruas, Regent Street, o Museu Britânico, Trafalgar Square, um grupo de *quakers*, o Túnel de Londres, a Abadia de Westminster e o Palácio do Parlamento.

[4] "... empreendeu em 1853 uma visita à Espanha, Alemanha, Bélgica, França e Inglaterra, consignando depois os frutos do seu exame nas *Recordações de Viagem*, de que chegaram a sair dez capítulos no *Archivo Pittoresco*, de 1857. Abundam aí as

gerir que, à época, a escrita de viagem (que então ocupava uma posição muito mais central no sistema literário do que hoje em dia) era consumida por ser fonte, simultaneamente, de instrução e entretenimento —, dizem exclusivamente respeito à visita a Londres, a capital do hegemónico império britânico.

Em 1860 o mesmo relato sairia em volume em Margão (Índia), numa edição barata, sem as gravuras e com um título mais explícito: *Recordaçoens de Viagem contendo A Viagem de Lisboa a Londres e A Descripção desta Cidade*. Na "Advertencia" que antecede o relato, os editores (anónimos) dizem que a iniciativa de publicar a narrativa de Henriques Nogueira se justificava devido à "utilidade," "instrucção" e "erudição" da obra — uma opção consentânea com o programa cultural de difusão de conhecimentos úteis que marcou o publicismo oitocentista e em que a literatura de viagens ocupou um lugar de relevo. Na verdade, se examinarmos as páginas da imprensa periódica do século XIX, então o meio de comunicação de maior penetração social, facilmente nos aperceberemos de que nelas abundam narrativas de viagens, uma prova de que o género gozava então de prestígio enquanto veículo de informação sobre a diversidade do mundo e também de grande popularidade.

"Recordações de Viagem", texto de carácter memorialístico, apresenta-se com uma estrutura habitual na escrita de viagem: a narrativa na primeira pessoa (ainda que não sob a forma de cartas ou diário) do itinerário efectivamente percorrido por alguém que se assume ser, ao mesmo tempo, autor, narrador e personagem principal do relato.[5] A deslocação de Henriques Nogueira a Inglaterra teve lugar, como já disse atrás, em 1853, portanto apenas dois anos após a realização em Londres da primeira exposição universal, que marcara o culminar da Revolução Industrial inglesa. A maior e mais espantosa demonstração de confiança no progresso que alguma vez se realizara, a *Great Exhibition* criara aos olhos do mundo a imagem

finas observações sociais emolduradas num estilo encantador, cheio de vida." (Matos 371) Também os responsáveis pela publicação de *Recordações de Viagem* em volume na Índia, em 1860, sublinham o estilo da obra, para além do valor do seu conteúdo: "As Recordaçoes de Viagem do Sr. Jose Felix Nogueira he um escripto que á correcçaõ e bellesa da lingoagem reúne utilidade e instrucçaõ; que nos deleita pelos encantos do seo estilo e alarga a esfera dos nossos conhecimentos pela sua erudição." ("Advertencia")

[5] Não sendo um género fácil de definir, dada a heterogeneidade formal, estilística e de conteúdo, e a propensão para a hibridez genológica dos textos que podem ser incluídos na categoria da escrita de viagem, adopto aqui a proposta de definição de livro de viagem de Jan Borm, pela sua abrangência: "... any narrative characterized by a non-fiction dominant that relates (almost always) in the first person a journey or journeys that the reader supposes to have taken place in reality while assuming or pressuposing that author, narrator and principal character are but one or identical" (Borm 17).

da Grã-Bretanha como *workshop of the world*, percebendo-se o fascínio que a capital inglesa exercia sobre os estrangeiros.

Ao contrário de tantos viajantes oitocentistas que, movidos pelo espírito romântico, procuraram lugares não contaminados pela modernidade, locais "primitivos," paisagens naturais correspondentes aos ideais estéticos do pitoresco e do sublime, ou de outros que quiseram fugir aos itinerários habituais (*beaten tracks*) que as classes médias, e não já somente os *grand tourists* endinheirados, percorriam em cada vez maior número — sinal da transformação da viagem numa prática cultural cada vez menos elitista, mas também mais industrializada, superficial e consumista —, escolhendo, por isso, destinos pouco frequentados, Henriques Nogueira procurou antes a rica e poderosa Londres do chamado *Mid-Victorian Period*. Época caracterizada por grande prosperidade material, intensa produção industrial, enorme desenvolvimento do comércio externo e expansão do Império, Henriques Nogueira pasmou perante tão superior grandeza e grau de evolução.

O relato, produto de um exercício retrospectivo porquanto só foi publicado quatro anos depois da experiência da viagem, organiza-se em duas partes claramente distintas: uma primeira em que se narra a viagem de barco de Lisboa a Southampton, e uma segunda em que se descreve Londres. A cada uma delas corresponde uma diferença não só temática mas também de registo: mais pessoal na primeira, em que emerge a nota subjectiva que marcou muita da escrita de viagem do século XIX em diante, mais impessoal e objectiva na segunda, pois chegado ao destino o viajante português concentra-se no propósito sério de estudar Londres. Também neste aspecto o relato de Henriques Nogueira se enquadra nas tendências da época, pois, como Casey Blanton sublinha, referindo-se ao século XIX, "Travel in this period was not only a source of enjoyment but was also clearly balanced by a desire for education" (Blanton 20). Esta carga ideológica, que também encontramos na tradição do *Grand Tour*, ao ter como objectivo completar a educação dos filhos das classes superiores expondo-os à riqueza cultural e à sociedade elegante da Itália, França, Suíça e Alemanha, é, no caso de Henriques Nogueira, de suma importância, pois a sua viagem foi motivada pela curiosidade intelectual e pelo desejo de aprender com a experiência do mundo civilizado.

No seguimento da tradição setecentista, Henriques Nogueira apresenta-se como o observador estudioso que considera seu dever partilhar com os seus compatriotas o resultado das suas observações, tendo em vista o bem comum. Pode dizer-se com Carl Thompson, que por sua vez se reporta ao pensamento de Paul

Fussell nesse seu livro seminal intitulado *Abroad: British Literary Traveling Between Wars* (1980), que "Recordações de Viagem" pertence àquele tipo de relato de viagem que tem como ponto de partida uma "demanda" aventureira — tanto mais que, ao embarcar rumo a Inglaterra, Henriques Nogueira diz ter principiado para si "a vida aventurosa do viajante" (Nogueira, 1979: 279):

> Often ... these accounts are underpinned, either explicitly or implicitly, by the mythic motif of the quest. Thus the travel book typically begins with the narrator setting out from his or her home, either in search of some specific goal or else generally seeking adventures, new experiences and interesting stories. On the road, and occupying the liminal position of traveller, the narrator undergoes important, possibly life-changing experiences, before returning home to be reintegrated into his or her society. Usually, moreover, he or she returns enriched, either literally or metaphorically, by the journey; after all, the very fact that the narrative is subsequently produced is implicitly a statement that these adventures had some significance. (Thompson 16-17)

A narrativa abre com a descrição do "bota-fora", ou seja, a despedida entre o autor e os seus parentes e amigos no Cais do Sodré, às 7h da manhã do dia 28 de Março de 1853. O adeus fez-se debaixo de mau tempo, estabelecendo o autor uma correspondência entre o "céu todo luto" (Nogueira, 1979: 277) e o sentimento de pesar no coração do viajante, por estar prestes a deixar a sua pátria. Domina-o, contudo, um misto de tristeza e de esperança no futuro. Chegado a bordo do paquete *Madrid*, desde logo se lhe impôs a novidade e, consequentemente, de imediato se começa a construir um discurso de profunda admiração pela Inglaterra:

> ... subi a escada do magnífico vapor, e notei em tudo o que me cercava feições características e inteiramente novas, sobressaindo entre elas um cheiro particular e não desagradável, que à falta de melhor e mais exacta qualificação, denominarei o «cheiro inglês». Encontrei-o ulteriormente em tudo e em toda a parte durante a minha residência em Inglaterra; tornei a encontrá-lo, tempos depois, no *Tagus*; e encontro-o ainda hoje em alguns objectos fabricados naquele país: livros e curiosidades que conservo como memórias britânicas. (Nogueira, 1979: 278)

É curioso o facto de Henriques Nogueira trazer o sentido do cheiro para a percepção da viagem, quando o mais comum é privilegiar-se a visão, e afirmar que para sempre guardou da

Inglaterra não apenas uma memória de paisagens visuais (*landscapes*) mas também olfactivas (*smellscapes*).

A experiência a bordo proporcionou a Henriques Nogueira um primeiro contacto com o *British comfort* (riqueza, elegância, escrupuloso asseio), expressão em língua inglesa que utiliza no seu relato e à qual se vêm juntar depois muitos outros termos de que o autor vai sempre dando tradução em nota de rodapé. Importa sublinhar esta opção do autor de disseminar pela sua narrativa, para além de nomes de pessoas, lugares e monumentos, palavras e expressões do idioma inglês, as quais reflectem a sua familiaridade com a realidade estrangeira descrita e conferem, assim, credibilidade e *cor local* ao seu relato;[6] mas, a um nível mais profundo, poderemos também considerar que o seu emprego deixa transparecer a dificuldade de usar ou adaptar palavras portuguesas à realidade inglesa.

A travessia, através de um mar tempestuoso, foi tudo menos confortável, e o autor, sofrendo "as agonias do enjoo" (Nogueira, 1979: 279), permaneceu todo o tempo deitado. A perigosa borrasca, contudo, não assume na narrativa um significado simbólico de antecipação de agruras que estejam para vir; pelo contrário, a estada em Inglaterra constituirá uma experiência inolvidável que justificou plenamente as razões altruístas que levaram o português a viajar. Como é frequente nos textos do género, o início do relato explicita esses mesmos motivos:

> O sonho dourado de toda a minha vida ia finalmente realizar-se! Cortando por grandes dificuldades, e endurecendo o coração a impressões bem pungentes, eu empreendia, só e desprotegido, uma viagem, cujo móvel principal era o amor puro, franco, e desinteressado que sempre tive à minha terra e à minha gente. ... Poderia dele aproveitar, pouco que fosse e em época mais ou menos remota, o meu pobre país, tão iludido e desfrutado em suas transformações políticas? (Nogueira, 1979: 278)

Ao cabo de cinco dias no mar, durante os quais pôde observar demoradamente um jovem inglês "esgrouviado" que ocupava o beliche por cima do seu e cujo aspecto físico e carácter reservado descreve de modo jocoso[7] — o que me parece constituir um

---

[6] Exemplos de termos e expressões inglesas utilizados: "roast-beef", "steward", "green-tea", "dining-room", "speech", "waggon", "cottages", "country-houses", "policeman", "penny", "city", "cab", "refreshment", "shilling", "meeting", "work-house", "union", "dispensary", "If you please", "Bath's and washing house", "money-power", "self-government".

[7] "No leito superior ia um jovem e esgrouviado inglês que, segundo lhe pude tirar

eco dessa narrativa de viagem paradigmática da imagem humorística do inglês-tipo nas letras portuguesas do Romantismo que é "De Jersey a Granville" (publicada pela primeira vez na revista *O Panorama*, em 1843), de Alexandre Herculano, também ela o relato de uma viagem marítima em que o autor tem como companheiros de travessia alguns ingleses —, Henriques Nogueira avistou por fim a costa de Inglaterra. O estado de espírito com que se dá esse encontro é totalmente antagónico ao de Herculano, pois se este se vê forçado ao exílio devido às suas ideias liberais e a tristeza da sua condição o faz depreciar profundamente a Inglaterra e o seu povo, já para o primeiro aquela ilha representa uma Terra Prometida: "Os Israelitas vendo a Terra da Promissão não ficaram por certo mais contentes do que eu fixando os olhos na rainha dos mares!" (Nogueira, 1979: 281) Até a habitual comparação, recorrente na literatura de viagens portuguesa, entre o céu de chumbo de Inglaterra e o céu azul e límpido de Portugal é aqui subvertida, pois o autor deixou Lisboa debaixo de chuva, frio e vento, e afirma ter chegado a Inglaterra num dia de bom tempo: "O dia estava lindo como um dos que mais o fossem em Portugal. O Sol descoberto e brilhante temperava com seus mornos raios a incisiva agudeza do ar. Era o esplêndido clima do meio-dia a encher de luz e de vida a bela terra do Norte!" (Nogueira, 1979: 281-282)

Já em terra o autor dá início às suas observações da realidade inglesa. A frase "Fui vendo e admirando (o que em Inglaterra são quase sinónimos)" (Nogueira, 1979: 283), utilizada a propósito de Southampton, vale também para a sua reacção à metrópole londrina, a que chegou de comboio. A experiência nova da velocidade constituiu um momento alto da experiência do estrangeiro, tendo o viajante avistado da carruagem outras manifestações do progresso tecnológico:

> Mas não tardou que o silvo agudo da locomotiva e uma para mim extraordinária, mas mui agradável velocidade, me advertissem que eu era transportado pelo vapor, o gigante do século XIX. O espaço desaparecia diante dos meus olhos maravilhados! ... Ao nosso lado ficavam os altos e elegantes colunelos do telégrafo eléc-

---

do bucho, era empregado na diplomacia. O meu sossegado companheiro era, com efeito, de uma reserva exemplar. Creio que durante a passagem não gastou, nem me fez gastar uma dúzia de frases. Somente de horas em quando dirigia algum monossílabo ao *steward*, que chamava em tom doce, sonoro, e, se é lícito dizê-lo, distintamente aristocrático. Antes do jantar, de que eu não partilhava senão o ingrato cheiro, vi suspensas e como caídas do tecto as longas e esguias pernas, coroadas pelo desarcado tronco do silencioso *attaché* que passou a compor o seu vestuário, quase tão esmeradamente como se fosse para um baile de corte." (Nogueira, 1979: 279-280)

trico sustentando oito ou dez fios condutores das suas notícias. (Nogueira, 1979: 284)

Recorde-se que nesse mesmo ano de 1853, no quadro da política de fomento das vias de comunicação e transportes que caracterizou o período da Regeneração, com vista a criar bases para o desenvolvimento económico nacional, começaram em Portugal as obras para a construção do primeiro troço de linha férrea portuguesa, o qual viria a ser inaugurado três anos depois ligando Lisboa ao Carregado. A vivência londrina de Henriques Nogueira constituiu, assim, uma espécie de viagem ao futuro moderno que o autor sonhava para Portugal e no qual a velocidade, sinal dos tempos, tinha um lugar de destaque. A própria estrutura de "Recordações de Viagem", dividida em capítulos sobre temas diversos, traduz uma experiência de velocidade transposta para o narrado, na medida em que o autor-viajante passa rapidamente de um tópico para outro.

Nos dois meses que passou em Londres o autor passeou muito pela cidade, para sentir o seu pulsar — "O estrangeiro que pela primeira vez chega a Londres não carece de maior distracção durante alguns dias que a de divagar pelas ruas, praças e passeios da nobre cidade." (Nogueira, 1979: 288), diz a dada altura —, visitou as grandes atracções turísticas, que o maravilharam pela novidade (British Museum, Polytechnic Institute, Zoological Garden, Botanic Garden, Colosseum, National Gallery, Madame Tussauds, St Pauls's Cathedral, Westminster Abbey, Tunnel, Tower of London...), foi à ópera a Covent Garden, ao teatro, a um concerto, aos bailes públicos. A narrativa abre-se à descrição da paisagem do rio Tamisa "coalhado de embarcações" (Nogueira, 1979: 289), retrato da actividade e do espírito industrioso da Inglaterra, e dá-nos uma imagem rica em pormenor e plena de movimento do espaço urbano, por vezes acompanhada de informações quantitativas que impressionam pela força dos números. Fala das ruas pejadas de pessoas e veículos, da animação dos mercados, da opulência e concorrência das lojas, de figuras típicas da grande metrópole como o zeloso polícia e o gaiato varredor de ruas, da beleza das mulheres e crianças inglesas com que se cruzou, do culto da educação física que pôde presenciar e que considera "um dos segredos da superioridade desta raça empreendedora" (Nogueira, 1979: 290), da sensaboria do Domingo londrino (ruas desertas, lojas fechadas), do asseio, da ordem, do luxo, de costumes que lhe causaram estranheza, como o uso generalizado de chapéu pelas mulheres

de todas as classes sociais.[8] Regista também a estranheza que ele próprio causou nos outros quando tentou comunicar com um grupo de crianças e estas fugiram, amedrontadas pelo "estrangeirismo do meu aspecto todo peninsular" (Nogueira, 1979: 290), um episódio revelador das tensões que podem surgir entre o Eu viajante-observador e o Outro visitado-observado em consequência do confronto entre semelhanças e diferenças. Aliás, o facto de o autor não dominar a língua inglesa, como por diversas vezes confessa — o que o impediu de entabular conversas, entender peças de teatro e canções —, constitui logo à partida um sério obstáculo a um mais profundo conhecimento e entendimento da alteridade, pondo em clara evidência a sua identidade estrangeira.

Consciente de que é impossível descrever Londres e de que a sua representação não poderá ser senão parcial e apenas uma pálida imagem da realidade — "Não tentarei a descrição de Londres. Sobre ser quadro vasto, impossível de acomodar-se nas breves notas de uma viagem, não me julgo habilitado para traçá-lo; ... Mas é que Londres resume a grandeza, a ciência, a indústria, a riqueza, e o fausto da Inglaterra, e por isso carece de anos para conhecer-se no admirável desenvolvimento de suas instituições, de suas empresas, e de suas obras gigantescas." (Nogueira, 1979: 287) —, o autor opta por dizer "pouco e sobre poucas cousas, traduzindo com fidelidade as variadas impressões que elas me suscitaram." (Nogueira, 1979: 287) e com essa selecção de tópicos *revela-se*, desvenda quais os seus principais interesses e preocupações. Assim, se é constante a reacção de espanto e profunda admiração que atravessa toda a narrativa — "Aqui se me começou a abrir a boca... de admiração." (Nogueira, 1979: 285) —, a qual se reflecte no uso abundante de uma adjectivação superlativa de cariz encomiástico,[9] são as questões políticas, económicas, sociais e educativas que lhe merecem um maior detalhe descritivo e um tom mais sério,

---

[8] A observação de um uso como o traje pode levar o autor a tecer comentários de alcance mais profundo, nomeadamente de teor político: "Uma das particularidades mais distintivas do trajo inglês é o uso infalível do chapéu nas mulheres. A inglesa mais pobre, miserável, velha e repugnante, nunca é vista na rua sem o seu *bonet and shawl*. Também não é raro ver homens de casaca trabalhando nas calçadas ou varrendo as ruas. Posto que esta uniformidade seja, até certo ponto, caricata, segundo os nossos hábitos, ela mostra, entretanto, uma forte tendência para a igualdade, para a fusão material das condições sociais." (Nogueira, 1979: 290)

[9] Exemplos de adjectivos usados: "majestoso", "soberbo", "glorioso", "imenso", "pasmoso", "belo", "lindo", "vasto", "numeroso", "formoso", "magnífico", "colossal", "rico", "sumptuoso", "original", "amplo", "opulento", "imponente", "gracioso", "esplêndido", "incrível", "assombroso."

por certo por envolverem modelos com que Portugal muito tinha a aprender. Nos capítulos VII a X trata pormenorizadamente das medidas legislativas e filantrópicas tomadas em Inglaterra para auxiliar e amparar os pobres, os indigentes, os trabalhadores, as mulheres e os órfãos, e das numerosas instituições de propagação da instrução popular, cuidados de saúde e prevenção do vício ali existentes, bem como dos asilos, hospícios, estabelecimentos económicos de alojamento, comida, banhos e lavandaria; de uma *workhouse* e de uma prisão que visitou, prestando especial atenção ao modo como eram administradas; de uma fábrica de cerveja que teve igualmente oportunidade de ver e que tomou como uma amostra das muitas e prodigiosas que havia em Inglaterra; dos edifícios do Banco de Inglaterra e da Casa da Moeda (a que teve acesso mercê de cartas de apresentação fornecidas pela legação portuguesa em Londres) onde também esteve e que o levam a tecer alguns comentários acerca dos imensos recursos da velha Álbion em termos de ouro e crédito; da assombrosa actividade das docas e seus armazéns, salientando o autor as grandes vantagens comerciais de tal sistema; e de uma sessão do Parlamento[10] a que pôde assistir graças a Benjamin de Oliveira, um descendente de madeirenses que era membro da Câmara dos Comuns e ali vinha a lutar pela diminuição dos direitos sobre os vinhos de Portugal.[11]

Apesar de viver com grande entusiasmo a estada em Inglaterra, e embora o olhar do forasteiro esteja sobretudo focado no que o rodeia, é de sublinhar a alegria com que reage sempre que tem ocasião de privar com a presença portuguesa em Londres, como sucede na visita ao Parlamento acima mencionada, ou ao escolher ficar num hotel propriedade de um português (o Oliveira's Hotel, em Golden Square), ou ao assistir a uma reconstituição do Terramoto de 1755 no Colosseum, ou ainda ao poder contemplar, numa galeria, obras de um artista seu compatriota, José Moira, que estava lá a fazer sucesso. Sem as

---

[10] Descreve o edifício, recente, em termos extremamente elogiosos: "Em nenhuma parte do mundo existe monumento tão condigno da majestade nacional." (Nogueira, 1979: 324)

[11] "Mr. Oliveira fez-nos a honra de vir assentar-se por algum tempo junto de nós, satisfazendo com amabilidade algumas das minhas perguntas, e instruindo-me dos seus esforços para a diminuição dos direitos nos vinhos de Portugal. Em sua opinião os operários ingleses haviam de produzir mais trabalho, se no seu alimento ordinário entrasse o vinho." (Nogueira, 1979: 325)

Sobre Benjamin de Oliveira, ver: Maria Zulmira Castanheira. "Joseph James Forrester, defensor do Douro: a obra do "estrangeiro-portuguez". *Famílias Inglesas e a economia de Portugal*. Publicações da Fundação Robinson 4. Portalegre: Fundação Robinson, 2010. 74-99.

marcas da ostensiva e detractora anglofobia que marca muito do discurso português oitocentista sobre a Inglaterra, frequentemente de expressão caricatural e satírica — ainda que não deixe de denunciar as profundas desigualdades da sociedade vitoriana, "a miséria que ali vegeta a par da opulência" (Nogueira, 1979: 307), a política de *self-interest* do governo britânico, a prepotência exercida pela Inglaterra sobre os povos mais fracos,[12] a opressão sobre a Irlanda, "essa desditosa nação que a manopla da Inglaterra ainda trafega" (Nogueira, 1979: 290), a imperfeita representação do povo inglês no Parlamento, o anacronismo da "opressora" (Nogueira, 1979: 324) Câmara dos Lordes —, nem a provinciana idealização da pátria ensolarada e de encantos rústicos que encontramos em alguns autores portugueses do século XIX que viajaram até à Inglaterra e persistiram em recusar a indústria e a riqueza de Londres em favor de um Portugal supostamente feliz no seu bucolismo e afastamento da marcha da civilização, temos em Henriques Nogueira uma posição equilibrada entre a admiração pela capacidade empreendedora e o engenho da "simpática Inglaterra" (Nogueira, 1979: 283) e um sentimento patriótico que sonha ver Portugal nesse mesmo caminho do progresso. Uma passagem de "Recordações de Viagem" em que a representação do Outro comporta não apenas hetero-imagens mas também auto-imagens, ilustra bem a comparação intercultural estabelecida pela voz narrativa e o modo como o distanciamento crítico potenciado pela deslocação no espaço até realidades estrangeiras pode levar o viajante a uma autognose pátria e a uma consciência mais aguda da situação do lugar de pertença, no caso o (humilhante) atraso português:

> É ao mesmo tempo sublime, grandiosa e terrível a vista de Londres, meio velada pela névoa, de sobre o pavimento trémulo de uma ponte suspensa! A cidade, aglomeração inextricável, infinita, imponente de soberbos palácios e de elevados coruchéus; o Tamisa revolvendo em baixo suas águas negras e túmidas, sulcadas por centenares de navios de todas as dimensões; as pontes monumentais, que a consideráveis distâncias comunicam as duas margens; tudo isto constitui um quadro por tal forma gigantesco, que a imaginação sacia-se, e a vista cansada sucumbe debaixo do peso de tanta grandeza. Ao menos assim me aconteceu a mim, pobre filho de uma pobre terra, ao contemplar a face da moderna Babilónia. Tanto fausto, tanto apuro, tanto progresso, ao passo que me interessavam como objectos de estudo, vertiam-me na

[12] "Assim o seu Governo não procurasse engrandecer-se, como o tem feito, à custa e com o suor e o sangue dos povos pequenos, fracos e atrasados!" (Nogueira, 1979: 292).

alma um sentimento indefinível de tristeza e de pesar, porque me lembrava que o meu país, hoje tão atrasado e empobrecido, também outrora empunhara o ceptro dos mares, e que posteriormente concorreu tão pouco, pelo desmazelo e ignorância dos seus naturais, para a existência destes monumentos, cuja magnificência me humilhava. (Nogueira, 1979: 285-286)

Curiosamente, a narrativa de Henriques Nogueira alarga o confronto intercultural, restringindo-o não apenas ao binómio "nós"-Portugal/"eles"-Inglaterra mas à comparação também entre a Inglaterra e a França, da qual a segunda sai claramente diminuída em termos morais, o que não era frequente nas letras portuguesas de Oitocentos:

> Um estreito braço de mar separa a Inglaterra da França, e entretanto que imensa separação moral entre os dois países! ... O Francês, espirituoso e volúvel, sacrifica tudo à novidade, à moda, ao movimento. Da parte de cá [Inglaterra], nesta terra em que se faz mais questão das cousas que das palavras, anda-se pouco, anda-se devagar, mas progride-se sempre. O povo tem diante de si uma aristocracia tão poderosa, inteligente e respeitável, como opressora e anacrónica; mas cada palmo de terreno que ele lhe arranca, é uma conquista feita. A Inglaterra não mantém exército ao soldo dos partidos para esmagar os cidadãos. O espectáculo admirável da sua tranquilidade explica-se pelo respeito pela lei, entranhado nos costumes e na educação política. Ali, país da franca discussão nos *clubs*, e nos *meetings*, todos ralham da lei, se ela é má, mas todos se lhe sujeitam enquanto não está derrogada pelo Parlamento. O Inglês é naturalmente fleumático, pensador e tardio em seus movimentos; mas, uma vez posto a caminho, vai onde quer — para ficar; e conserva sempre o bom juízo de não correr a foguetes. (Nogueira, 1979: 96)

Viajando com o intuito de aprender boas práticas num país cuja superioridade civilizacional reconhece e que admira por nele se saberem "respeitar as garantias individuais" (Nogueira, 1979: 282) e ser uma terra de liberdade; pelo grau de instrução do seu povo;[13] pela espantosa capacidade produtiva, simbolizada na sua poderosa indústria;[14] e pelo espírito de associa-

[13] "Em nenhum país se lê tanto como na Inglaterra. A imprensa inglesa é, exceptuada talvez a alemã, a mais fecunda do mundo. ... há leitura, e sobretudo leitura útil e económica para todos e para tudo." (Nogueira, 1979: 307)

[14] "A Inglaterra inteira é, a bem dizer, uma contínua fábrica. Assim a tem feito a prodigiosa indústria dos seus naturais, a admirável facilidade das suas comunicações,

ção e de organização municipal, temas muito caros a Henriques Nogueira, fervoroso defensor do associativismo[15] e do municipalismo como forma de descentralização administrativa,[16] sobre os quais escreveu nas suas obras *Estudos Sobre a Reforma em Portugal* (Lisboa, 1851) e *O Município no Século XIX* (Lisboa, 1856) e que lhe suscitam também reflexões em "Recordações de Viagem", o relato de Henriques Nogueira é um exemplo da viagem voluntária de cariz utilitário, não empreendida por motivos profissionais ou visando o lucro material, mas como exercício de busca de informação empírica e de conhecimento que possam servir, acima de tudo, o país de origem do viajante, mais do que o próprio viajante.

A vertente documental da escrita de viagens encontra-se nele bem representada pela mão de um autor que tem princípios ideológicos vincados e não se coíbe de os exprimir, como quando comenta que as inúmeras estruturas criadas em Inglaterra para atenuar os efeitos da pobreza e da indigência não poderão pôr completamente fim a esses males e que será necessária uma grande transformação social, de raiz socialista: "Curá-los radicalmente só o poderá fazer uma mais equitativa distribuição das riquezas. Mas essa depende, como é sabido, da libertação da terra e do trabalho, que a nobreza e o capital têm enfeudado quase exclusivamente naquele país [Inglaterra]." (Nogueira, 1979: 308)

Analisei aqui, brevemente, o modo como Henriques Nogueira narra a sua experiência de viagem à Inglaterra, precisamente a nação em que o caminho-de-ferro e os barcos a vapor haviam começado a possibilitar a democratização da viagem e a industrialização do lazer, anunciando o fenómeno de massas chamado turismo. Proveniente de um país periférico, atrasado, pobre, passivo — Portugal —, a visita a Londres — centro de poder, progresso e prestígio, conotado com modernidade, dinamismo, inovação — representou para o autor a materialização de um sonho, a possibilidade de conhecer "as magnificências de um mundo novo, o mundo da civilização" (Nogueira, 1979: 278). A relação do viajante com o espaço estrangeiro e a maneira como vive a mundanidade citadina são enformadas por um forte

---

e o avultado consumo, que ela sabe abrir aos seus produtos." (Nogueira, 1979: 312)

[15] "A associação, como e onde quer que a apliquem, produz sempre maravilhas", escreve, quando se debruça sobre os clubes ingleses, que considera "uma das instituições mais originais e admiráveis da opulenta e engenhosa Inglaterra." (Nogueira, 1979: 304)

[16] "A organização municipal da Inglaterra, tipo admirável do governo da localidade pela mesma localidade (*self-government*), é talvez o ramo mais perfeito da administração naquele país." (Nogueira, 1979: 319)

sentimento de admiração que se articula com o seu olhar "social", condicionado pelos seus interesses pragmáticos, valores e princípios, residindo precisamente aí o lado subjectivo, pessoal, de uma narrativa acentuadamente funcional em que predomina a exposição objectiva dos dados recolhidos.

O seu discurso — feito sobretudo de hetero mas também de auto-imagens, pois, como se sabe, a escrita de viagens estimula, quase inevitavelmente, ainda que de forma mais ou menos explícita, a reflexão sobre a própria identidade, individual e/ou colectiva, decorrente do confronto com a diferença e a alteridade —, enquanto lugar de construção da memória, regista uma experiência de viagem educativa, inebriante e enriquecedora, um rasgar de horizontes mentais. O facto de o autor-viajante ter publicado a sua narrativa, ainda que quatro anos depois da sua viagem, revela a sua fé na utilidade dos relatos de viagem enquanto testemunhos directos da experiência do estrangeiro. Ao garantir que as suas anotações e descrições são rigorosas e fidedignas, estabelece com os seus compatriotas um pacto de leitura que visa garantir que a sua representação do Outro/a Inglaterra seja tomada como um documento onde Portugal poderá colher ensinamentos proveitosos para projectos de renovação política, económica e cultural do país.

OBRA ESTUDADA

Nogueira, J. Felix. "Recordações de Viagem." *Archivo Pittoresco*. Tomo I (1857-1858), nº 1, 1 de Julho de 1857: 7-8; nº 2, Julho de 1857: 14-16; nº 4, Julho de 1857: 30-32; nº 5, Agosto de 1857: 38-40; nº 8, Agosto de 1857: 58-60; nº 11, Setembro de 1857: 86-87; nº 14, Outubro de 1857: 111-112; nº 15, Outubro de 1857: 118-120; nº 17, Outubro de 1857: 135-136; nº 18, Outubro de 1857: 142-144.

Nogueira, José Félix. *Recordaçoens de Viagem contendo A Viagem de Lisboa a Londres e A Descripção desta Cidade*. Margão: Na Typographia do Ultramar, 1860.

Nogueira, José Félix Henriques. "Recordações de viagem." *Obra Completa*. Tomo II. Edição organizada por António Carlos Leal da Silva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1979. 277-328.

OBRAS CITADAS

Anónimo. [Falecimento de José Felix Henriques Nogueira]. *O António Maria*, 3 de Fevereiro de 1881: 36-37.

Anónimo. [Falecimento de José Félix Nogueira]. *O Correio da Europa* 7, 31 de Janeiro de 1858: 1.

Blanton, Casey. *Travel Writing: The Self and the World*. New York and London: Routledge, 2002.

Borm, Jan. "Defining Travel: On the Travel Book, Travel Writing and Terminology." *Perspectives on Travel Writing*. Edited by Glenn Hooper and Tim Youngs. Aldershot: Ashgate, 2004. 13-26.

Matos, Júlio de. "José Félix Henriques Nogueira". *Plutarco Português*.Vol. II, fascículo 12, 1882. *Apud* José Félix Henriques Nogueira. *Obra Completa*. Tomo I. Edição organizada por António Carlos Leal da Silva. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1976. 369-381.

Serrão, Joel. "Nogueira, José Félix Henriques". *Dicionário de História de Portugal*. Dirigido por Joel Serrão. Volume IV. Porto: Livraria Figueirinhas, 1990. 397-398.

Thompson, Carl. *Travel Writing*. The New Critical Idiom Series. London and New York: Routledge, 2011.

Torres, José de. "José Felix Nogueira". *A Illustração Luso--Brazileira* 4, 23 de Janeiro de 1858, Vol. II (1858): 30-31.